



## “OLHAR AO REDOR/ IÇAR VELAS, RESPIRAR”: ENTREVISTA COM ANA ESTAREGUI

Cleber da Silva Luz\* <sup>1</sup>

\*Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: [clebersiluz@gmail.com](mailto:clebersiluz@gmail.com)

Sandro Adriano da Silva\* <sup>2</sup>

\*Universidade Estadual do Paraná/ Universidade Federal do Paraná  
(Unespar/UFPR)

e-mail: [sandro.silva@ies.unespar.edu.br](mailto:sandro.silva@ies.unespar.edu.br)

Ana Laura Estaregui (1987) nasceu em Sorocaba – SP. É poeta, autora de três livros, até o momento: *Chá de jasmim* (Patuá, 2014), *Coração de boi* (7Letras, 2018) e *Dança para cavalos* (Círculo de poemas, 2022), publicado também em Portugal pela editora Língua Morta (2022). É graduada em Artes visuais pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP e mestre em Literatura e Crítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Além disso, é professora e coordenadora do Grupo de escrita e estudos em poesia.

Sua produção em poesia tem recebido um certo destaque na cena literária brasileira contemporânea. Com *Coração de boi*, em 2017, foi finalista do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional - categoria Poesia. Com seu último livro, recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. Na entrevista que segue, realizada entre os meses de abril e junho de 2023, por *e-mail*, a poeta reflete sobre o lugar da poesia de autoria feminina de hoje, no Brasil; trata de diálogos e redes de interlocução entre poetas e escritoras e escritoras, no que concerne ao seu processo de criação; da relação entre a poesia e outras linguagens artísticas; de sua visão acerca das questões que envolvem o relação entre o ser humano e a Natureza, o Antropoceno e degradação do planeta; por fim, a poeta comenta

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná –UFPR. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0144676955915572>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2948-8663>.

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Paraná – Unespar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2018674592523037>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1567-1563>.



sua compreensão sobre a natureza poética da palavra, o trabalho com a metáfora, sobre uma certa corporeidade expressiva em sua obra e a cena editorial brasileira na contemporaneidade.

**Pergunta:** Poesia, ainda? ou “a palavra esperança/ está vazia”? Há uma palavra poética feminina?

**Ana Estaregui:** Poesia ainda, poesia sempre, rs! Gosto muito de pensar o exercício da escrita como esse mecanismo de observação constante e atenta da linguagem. Pensar a palavra como uma matéria viva não transparente que pode se desgastar, apodrecer, enrijecer, calcificar. A língua está em movimento contínuo, criando e recriando sentidos novos e formas de dizer o tempo todo por contaminação, por contágio. Uma sentença considerada ofensiva hoje pode ter sido perfeitamente aceitável no passado. O interessante são esses antídotos que se pode criar para fazer com que a linguagem possa continuar significando, se recriando a si mesma de maneira porosa. Penso que olhar para uma palavra e enxergá-la como "vazia" seja um modo de reconhecer sua "doença", sua estagnação, e, desse modo, pode ser um jeito de começar a "curá-la" no sentido objetivo do gesto. Existem muitas formas de arejar as palavras: recontextualizá-las, por exemplo, recombina-las com outras palavras improváveis e até mesmo negá-las. Deixar crescer mato em volta, "deixar as ervas". E sobre haver uma palavra poética feminina, penso que existem alguns tipos de escrita em plena erupção. É o caso dessa escrita que pode ser percebida dentro de uma poética feminina, um texto que é um devir mulher. Mas também existem outros: um devir bicho, um devir híbrido, um devir monstro, um devir preto entre tantas outras possibilidades que durante tanto tempo permaneceram à margem e que agora estão se dando a ver.

**Pergunta:** Você é professora e coordenadora do Grupo de escrita e estudos em poesia. Como você vê essa atividade em relação ao seu processo de criação? Os diálogos com outros e outras poetas participam da sua escrita?

**Ana:** Esta é uma atividade que coloca o pensamento em movimento e eu adoro isso. Entendo a prática de analisar textos produzidos por diferentes pessoas a partir dos elementos que os próprios textos oferecem enquanto possibilidade como semelhante ao ato de aprender um novo idioma. Não existem regras para se escrever um bom texto e cada



poema é lido a partir de seu próprio eixo. Gosto de pensar: o que está "a mais" dentro daquele universo proposto? O que está faltando? Cabe uma gíria aqui? Cabe uma palavra científica neste poema? Um itálico? O que poderia ser reformulado ou deslocado para gerar mais sentidos? Às vezes um texto precisa ser mais burilado, mas às vezes é preciso encardilo. Às vezes uma certa neblina é bem-vinda, mas às vezes é preciso evocar imagens mais cristalinas. Não tem regra nunca. Pensar em grupo as possibilidades de se abrir a linguagem a partir desse exercício de crítica me deixa muito animada. É quase como resolver coletivamente uma questão matemática na qual não existe uma "solução" única, mas múltiplos itinerários possíveis. Há soluções elegantes, objetivas, inteligentes, preguiçosas. Eu aprendo muito com o olhar das/os outras/os e tenho certeza de que isso reverbera na forma como leio e repenso os meus próprios poemas.

**Pergunta:** Ainda em relação ao grupo de escrita, você considera a atividade poética, a escrita de poesia, um pouco dentro daquela perspectiva (metafórica) de Octavio Paz, como “atividade” e “exercício”?

**Ana:** Eu enxergo a escrita como um exercício, sim. Um exercício que, como qualquer outro, requer prática. Escrever um texto é um fazer, um *poiein*, uma ação. Não acredito muito em texto que "já nasce pronto, escarrado". Esse fazer pode mobilizar muitas estruturas, dependendo da perspectiva que se assume com ele. A escrita pode ser um espaço político de ação, pode ser um procedimento terapêutico, de obtenção de conhecimento, de conexão espiritual, de expurgo etc. A produção de um texto, como qualquer outra atividade artística, não é algo elevado, mas o contrário. Escrever requer dedicação tanto quanto qualquer outro exercício e envolve um trabalho braçal mesmo. Creio que escrever é muito mais sobre reescrever. Tem gente que se dedica a pescar e gente que escreve. Eu gostaria de escrever como alguém que aprende a pescar ou a dançar. Ou a cozinhar. Ou a navegar. Ou a saltar. Aprender a jogar com o espaço que existe entre a técnica e o completo desconhecido.

**Pergunta:** Em entrevista ao Canal Arte 1, você comenta que acredita ser a poesia “criação de imagens”. Além de poeta, você é artista visual. Poderia comentar sobre a presença de possíveis diálogos com outras artes em sua poesia?

**Ana:** Para mim essas duas áreas sempre caminharam juntas. Acredito que minha primeira formação em artes visuais tenha orientado bastante a minha relação com a escrita.



Eu comecei a me interessar por poesia a partir da poesia visual dos concretos e pelos livros de artista, que são justamente esse ponto de intersecção entre essas duas linguagens. Aos poucos fui entendendo que me interessava pelos espaços em branco da página, a forma do texto no espaço, a tipografia, a relação entre imagem e palavra e de repente me vi totalmente enredada pelo texto propriamente dito. Para mim a criação em poesia tem muito a ver com a criação de imagens. Tem gente que vai pra poesia pela musicalidade, pelo ritmo, pela performance, mas pra mim é sobre criar e manipular imagens. Me anima a possibilidade de poder lidar com essa materialidade da imagem.

**Pergunta:** “Um pouco como escrever a pedra/ e não escrever sobre ela”... Em *Dança para cavalos*, observamos a presença de imagens em torno de uma “ecomimese”. Ursula Le Guin, em “Deep in admiration”, afirma que é preciso reaprender a estar no mundo, atentando-se à relação entre o ser humano e a Natureza, e indica que a poesia teria esse poder de ensinar. Você concorda com esse pensamento? Ou melhor: a poesia pode nos ensinar a “lição de árvores”?

**Ana:** Concordo totalmente. Em *O animal que logo sou*, Jacques Derrida escreve que “O pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia” e diz que dessa tese a filosofia teve de se privar. A poesia é esse lugar de especulação do outro, do aberto, do futuro. E num sentido de futuro que implica uma ideia radical na origem do termo: pensar a raiz, a origem. Ou seja, é uma forma de retornar ao passado. Penso que reaprender a “estar no mundo” está diretamente relacionado a esse movimento de retorno, de se enxergar novamente como bicho e como parte integrada da natureza. Alguns pensadores até já não usam mais o termo natureza, entendendo que não existe essa separação entre aquilo que é natural e o que não é. Da mesma maneira que para alguns povos originários não existe o termo natureza ou o termo arte pois se entende que essas dimensões estejam interligadas em níveis muito profundos e, portanto, quase indistintos. Eu penso que a poesia, e a literatura de maneira geral, permite esse exercício de “experimentar ser o outro”. Se colocar no lugar do outro, aprender novas perspectivas. Nesse sentido, a poesia e a natureza – entendidas como inseparáveis – podem ser entendidas como esse lugar de experiência de outridade, de regresso. O Viveiros de Castro comenta sobre esse “método de aprendizado” indígena que pressupõe se tornar o outro para assim aprender sobre o outro.



**Pergunta:** Diante da época das grandes catástrofes, na era do Antropoceno, como você avalia o papel da poesia brasileira contemporânea que, cada vez mais, tem tratado dessas questões que envolvem, de diferentes maneiras, a mão do humano na degradação do planeta?

**Ana:** Nós vivemos (e somos parte) de um território geopoliticamente estratégico se formos considerar a questão climática. Tanto pela abundância de natureza (reduzida muitas vezes à ideia de "recursos de naturais") quanto pela possibilidade que temos de "reflorestar o pensamento", dado que vivemos em uma terra com mais de trezentos povos indígenas falando mais de duzentos e setenta idiomas. É uma perspectiva muito interessante não somente pelo ponto de vista da diversidade, mas pela oportunidade que temos de gerar pensamento original/originário. As coisas mais instigantes que eu já li vieram do pensamento indígena. Não sei o quanto a poesia brasileira contemporânea poderá influenciar numa perspectiva macro, mas gosto de pensar no exercício poético como esse movimento que resiste ao sistema capitalista. Escrever e ler poesia é um gesto de resistência e uma forma de manter o pensamento com algum grau de sanidade numa sociedade adoecida por poluição, consumo, velocidade, propósito. A Louise Bourgeois escreveu uma vez que a arte é garantia de sanidade e eu penso que somente a partir de um pensamento são é que seja possível produzir ações curativas, regenerativas. Só um pensamento "sanado" pode acolher o diferente.

**Pergunta:** *Coração de boi* é um livro essencialmente metapoético, e as imagens de “corte” são recorrentes, sugerindo uma defesa da poesia como arremate. Poderia comentar?

**Ana:** Eu gosto de pensar a poesia como esse tensionamento entre a busca por precisão e a abertura para o que é irracional ou ininteligível. Para mim são dois elementos paradoxalmente opostos, mas igualmente necessários à escrita. Acho que tentei me orientar nesse sentido quando escrevi esse livro.

**Pergunta:** A partir de *Coração de boi* e repetindo-se em *Dança para cavalos*, nota-se um adensamento no trabalho com a metáfora. Em um momento tendências que cada vez mais encaminham a poesia brasileira para linhas de força prosaicas, a metaforicidade ainda é uma busca incisiva para o/a poeta e para sua poesia?



**Ana:** Eu entendo a metáfora como um gesto de afirmação e não como um recurso comparativo. A metáfora é a possibilidade que se tem de executar uma espécie de magia dentro do texto. Equiparar dois elementos não para achatar uma ideia, mas, ao contrário, para afirmar uma não fixidez das coisas. Isso pode ser aquilo e aquilo e aquilo outro. Lembrei daquele fragmento do Empédocles: "Outrora fui menino e menina, arbusto, pássaro e peixe mudo que salta no mar". Acho que essa fluidez de forma me interessa e de alguma maneira é um ponto de sobreposição entre algumas experiências pessoais que tive ligadas às práticas de transe xamânico com à escrita.

**Pergunta:** Sua poesia é marcada pela presença de uma corporeidade que, em muitos casos, sugere uma metáfora com o processo poético. Poderia comentar?

**Ana:** Acho que esse interesse pelo aspecto corpóreo do texto talvez venha dessa primeira relação que tive com as artes visuais, que são esse mergulho nas materialidades do mundo. As matérias comunicam, significam-se por si só. É muito diferente você escolher trabalhar com argila ou com plástico ou com porcelana fina, por exemplo. É uma coisa que envolve forma e sentido ao mesmo tempo. Diria que são coisas inseparáveis. Eu gosto de investigar as qualidades das materialidades das coisas e isso também se dá com a palavra. Pensar o peso da palavra, a entonação, a leveza, a lentidão. Para mim existe um certo prazer nessa ação.

**Pergunta:** Como você analisa o circuito editorial e o papel das mídias sociais na visibilidade do gênero *poesia*?

**Ana:** Dado que a poesia é um gênero que está à margem e é, comparativamente, muito menos procurada do que a prosa e muitíssimo menos do que a música ou o cinema, por exemplo, eu acho que as mídias sociais ganharam um papel importante na divulgação do trabalho de quem escreve. Apesar dos algoritmos não serem completamente confiáveis, a divulgação de poemas e livros ganhou um espaço com as plataformas sociais digitais. É possível publicar um poema em processo, conhecer o trabalho de um autor que você nunca viu pessoalmente, divulgar um trabalho novo, enfim, as plataformas digitais acabam sendo um espaço mais democrático para esses trânsitos. É difícil pensar em abandonar essas mídias (embora esta seja uma ideia muito tentadora) porque este se tornou um lugar de encontro.

